

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Crítica*

Class.: 29

Data: 2 de Dezembro de 1986

Pg.: 4

Projeto "Calha Norte"

Para a maioria dos brasileiros, inclusive os da Amazônia, a denominação Projeto "Calha Norte" nada significa. Mesmo para os mais bem informados a resposta é: um projeto destinado a instalar oito bases militares, que vão desde o rio Oiapoque (divisa do Brasil com a Guiana Francesa) até o Solimões (na divisa com a Colômbia), numa faixa de fronteira de 6.500 quilômetros de comprimento por 160 quilômetros de largura (numa área que representa 14% do território nacional).

Na verdade o projeto "Calha Norte" é muito mais que isso. Ele faz parte de um longo planejamento estratégico (sob inspiração de formulação geopolíticas desenvolvidas na Escola Superior de Guerra) que visa cristalizar a vocação continental do Brasil, o que significa: garantir a integridade política e econômica de seu território.

Nessa faixa fronteira com a Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa existem sérios conflitos deflagrados internamente (ou mesmo latentes), entre garimpeiros, mineradoras, indígenas e missionários, notadamente a noroeste de Roraima, próximo a fronteira com a Venezuela, na área da Serra Surucucus, bem como no Alto Rio Negro, próximo à Venezuela e a Colômbia,

na região denominada "cabeça de cachorro".

Na área da serra do Surucucus havia rumores da existência de uma proposta de organizações estrangeiras ligadas ao trabalho missionário, no sentido de transformar a região numa nação (estado) Yanomami (retalhando parte do território brasileiro e venezuelano), e que ficaria sob a tutela de organismos internacionais. Deve-se ressaltar que nessa região existe uma província mineral (identificada pela Companhia Vale do Rio Doce) com reservas de cassiterita estimada em cerca de US\$ 250 milhões, além de outros minerais valiosos.

Na região denominada "cabeça de cachorro" estão ocorrendo atividades ilegais de mineração, contrabando e tráfico de drogas. O mesmo está acontecendo na área de fronteira do Alto Solimões, entre Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia).

Vale destacar ainda os problemas que começam a surgir na divisa com a Guiana Francesa, em relação ao contrabando de minérios (ouro), pimenta-do-reino e palmito. Não pode ser desconsiderada também a disputa entre a Venezuela e a Guiana pela região de Esequibio, com sérios riscos de conflitos armados.

Após essas considerações fica claro que o projeto "Calha Norte" (que

tem um custo inicial de cerca de Cz\$ 1,0 bilhão, até 1990) tem validade pelas suas implicações político-econômicas. A implantação do projeto (que começará pela instalação dos novos pelotões de fronteiras), permitirá que as relações bilaterais com os países vizinhos se intensifiquem com base em interesses comuns, especialmente nos setores de construção de estradas, comércio e controle da fabricação e tráfico de drogas. O seu desdobramento certamente estimulará a reativação do Tratado de Cooperação Amazônica (firmado em 1978), que previa intercâmbios nos setores tecnológicos, científicos e comercial (e que reuniu-se apenas uma vez, para tratar da questão da erradicação da febre amarela).

Para concluir, parece-me importante ressaltar que a ocupação da fronteira norte, além do aspecto geopolítico abordado, fomentará a criação de pólos de desenvolvimento, com uma conseqüente elevação do nível de renda da população, bem como permitirá o crescimento populacional dos núcleos urbanos da região. Em síntese, caso seja executado dentro dos padrões previstos, comprovará a importância da interação entre as teses geoeconômicas e geoestratégicas, tendo como principal variável a questão social.